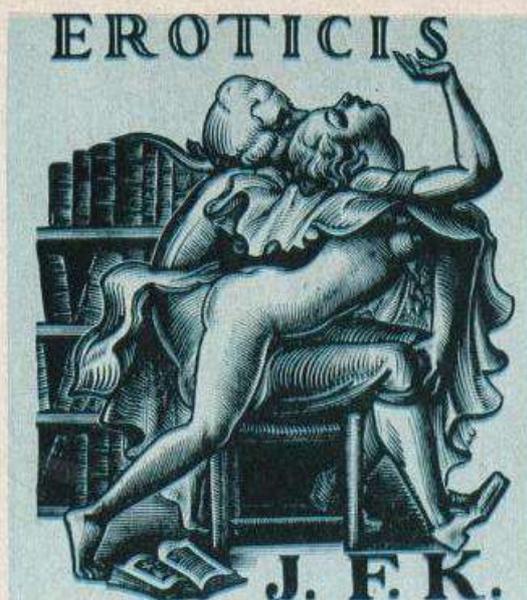


Autor desconhecido



Max Kislinger (Áustria).



Valentin Le Campion (França)



Christian Blaesbjerg (Dinamarca)

ARTE FORA DE SÉRIE

O EROTISMO GRÁFICO DOS EX-LIBRIS

Por Álvaro Cotrim (Álvarus)



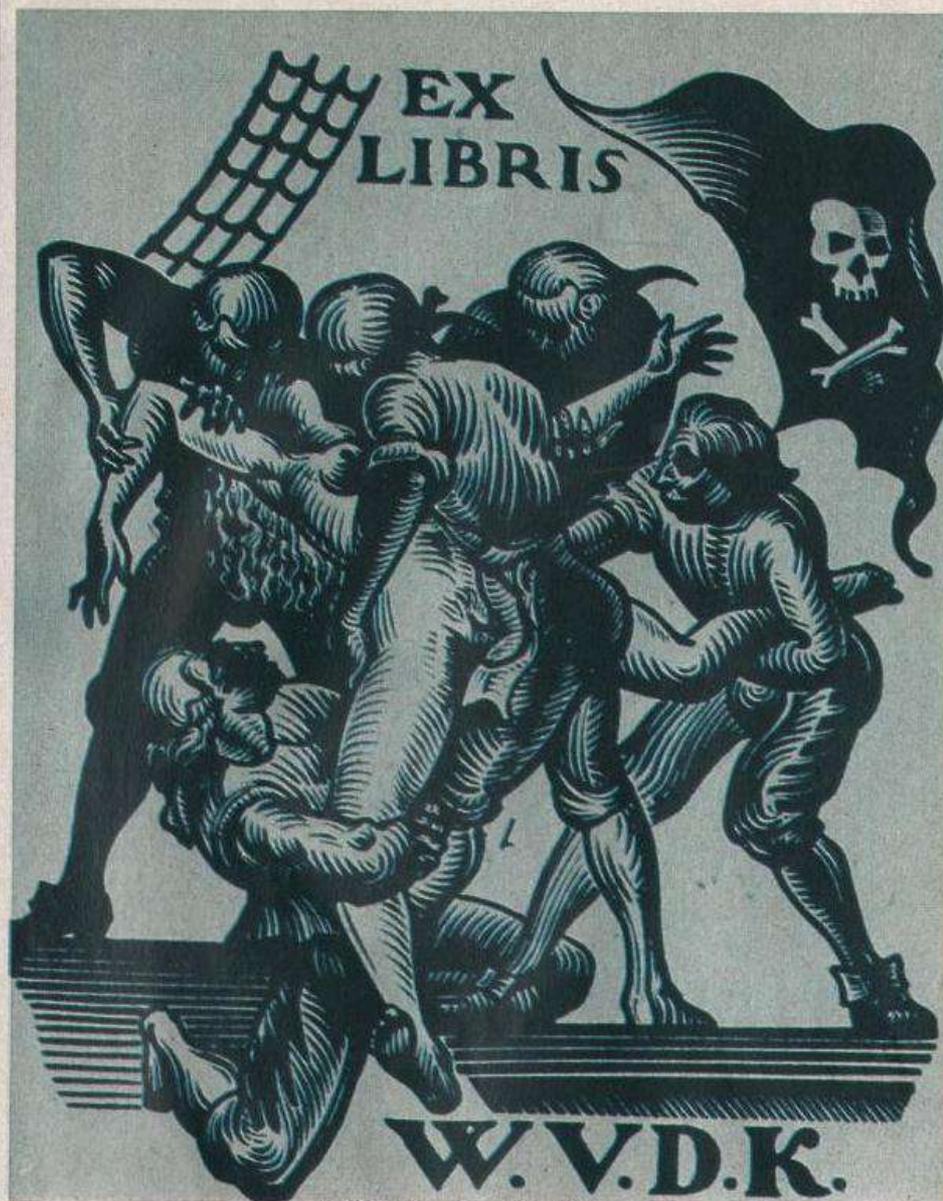
Josef Hodek (Checoslováquia)

LOUÇOS há, no mundo, que colecionam de tudo. Chapinhas de refrigerantes, garrafas de uísque (cheias), maços antigos (vazios) de cigarros, calcinhas das muitas amadas extemporâneas e, até mesmo, ramos de vegetação capilar. Além desses — e de suas exóticas coleções —, existem também os que guardam, com cuidado e carinho, em acervos particulares, obras plásticas, móveis de estilo, prataria, porcelanas, moedas e, por último, mas não finalmente, selos. É, sem sombra de dúvida, a filatelia é a mais popular e difundida das coleções em todo o mundo. Mais-rara, contudo, são as coleções de *ex-libris*. Criado no século XV,

o *ex-libris* é marca de propriedade, e se apresenta nas mais variadas formas. Elaborados com requinte artístico, eles não somente valorizam um livro, emprestando-lhe ar de nobreza, como denunciam a superioridade intelectual de seu possuidor.

Bibliófilos, os que se utilizam dos *ex-libris* amam os livros, ao contrário dos bibliômanos, esses exasperados exibicionistas, preocupados, apenas, em encher suas estantes com livros comprados aos metros, que jamais tiveram contato com a espátula desvirginadora.

Marca registrada intransferível, os *ex-libris* denunciam a sofisticação de seu possuidor, e até mesmo facetas de sua



Valentin Le Campion (França)



Peter Wolbrand (Alemanha)



Italo Zetti (Itália)

personalidade. O escritor brasileiro Elydio de Carvalho, por exemplo, possuía um *ex-libris* muito especial, extremamente erótico: um árdego centauro sendo cavalgado por Eros, deus do amor, com a legenda latina: *Amor fati...*

Raros no Brasil, os *ex-libris* eróticos já eram moda na Europa muitos anos antes da era da permissividade. A nobre família italiana Colleoni, cujos membros masculinos apresentavam a singularidade fisiológica de nascerem com três testículos, estampava esta particularidade em seu *ex-libris*. Na França, era muito comum surgirem os sobrenomes Lamoureux, Lamour. E apareceu, inclusive, um tal Monsieur Cornu. Sem

falar no abade Lecon e em Monsieur Durut.

As coleções de obras-primas eróticas criadas por grandes escritores e consagrados ilustradores são privilégios de poucos. Por poderem arcar com esse luxo, os possuidores desses *ex-libris* faziam parte das classes abastadas, e, geralmente, eram médicos. Sua temática simbólica utilizava os mais crus elementos sexuais, sugestivamente exibidos em sua totalidade.

Dentre os mais consagrados artistas especializados em *ex-libris* no passado, os mais importantes foram o marquês austríaco Franz von Bayros, o satânico desenhista belga Félicien Rops, o estra-

nhíssimo inglês Aubrey Beardsley e os franceses Louis Legrand, Willette e Valentin Le Campion.

De uma maneira geral, os temas dessas pequenas obras de arte acompanham o da criação artística erótica, com a predominância da exibição do sexo. Com frequência, são utilizadas vinhetas humorísticas, pinçadas de cenas mitológicas, sendo as mais comuns Leda e o Cisne e Europa e o Touro. Ou, então, a reminiscência marota, e sempre excitante, dos incríveis cintos da castidade.





Jean Morisot (França)



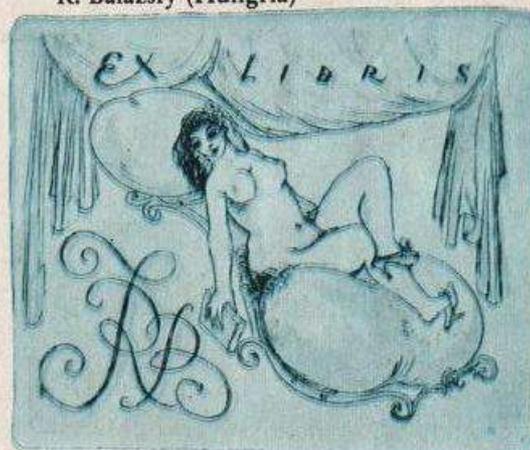
Italo Zetti (Italia)



Max Kislínger (Áustria)



R. Balazsfi (Hungria)



O. Karel (Checoslováquia)